

# Plínio Ayrosa, o Mestre de Piratininga

A obra que o Prof. Plínio Ayrosa vem empreendendo, no campo da pesquisa glotológica americana, é das mais extraordinárias. Pioneiro incontestável e incomparável no terreno da tupinologia científica, êle, cada vez mais, se agiganta aos olhos dos que amam as coisas genuinamente brasileiras, conquistando-lhes a estima e admiração. É que, sem os rompantes de certos depositários únicos da verdade ou mestres consumados dos baldões rasteiros, a sua modéstia é tamanha, que nem sequer se considera credenciado a ditar cânones ou aclarar dúvidas.

Muito mansa e humildemente, declara, em seus magníficos escritos, nada mais ser que simples obreiro da grande oficina da ciência. Enquanto os seus detratores e falsos colegas declaram, despeitosamente, que outra devêra ser, que não a tupí-guaraní, a designação de sua cadeira na Faculdade de Filosofia, de São Paulo, êle, mui acertadamente, emprega seu tempo em repro-

duzir, interpretar ou completar textos antigos, escritos pelos jesuítas, ou vocabulários, por vezes, de autores desconhecidos.

Vai, assim, para mais de uma dezena o que lhe devemos de publicações importantes em tupí: "As Partes do Corpo Humano em Tupí", "Dicionário Português-Tupí", "Dicionário Tupí-Português e Português Tupí", "Os Nomes de Parentesco em Tupí", "Primeiras Lições em Tupí" e por aí vai. Só mesmo quem se dedica a semelhantes estudos é que pode avaliar a importância dessa contribuição. Mas, mesmo no que se refere à designação mencionada, nenhuma razão assiste aos Edelweiss e Barbosa, ao pretenderem inculcar o termo tupí apenas ou guaraní para, isoladamente, traduzir os idiomas afins. O que êles dizem não deixa, entretanto, de mostrar que é Ayrosa quem está certo, pois que, indubitavelmente, quando emprega a expressão Idioma Tupí-Guaraní não se refere senão à relação afinitiva antiga, já que o guaraní pouco ou nada difere do tupí antigo, embora muito se afaste da língua falada atual ou nheengatú. Ninguém, que tenha rudimentos de tupinologia, deixará de reconhecer esta verdade incontrovertível: tanto gramatical como lèxicamente, o tupí antigo parecia idêntico ao guaraní, tão semelhante, que os guaranís eram chamados tupís do sul. Seria, mais ou menos, o que, filològicamente, no campo das línguas neolatinas conhecemos por fenômeno galáico-português. Não vamos, porém, aprofundar-nos em tais investigações. Limitêmo-nos, por ora, ao reconhecimento do que devemos ao ínclito Mestre de Piratininga, que está dando novos Brasís ao Brasil, reconduzindo-nos, assim, às raízes históricas, de que nos havíamos distanciado, graças aos falsos cientistas e monopolizadores, que pululam nos gabinetes das metrópoles e nos desvãos das casas grandes. A sua obra, ao contrário, é de ciência e consciência, de sinceridade e objetivismo, de contáto direto e probidade científica, de originalidade e compreensão. Dest' arte, não seria demasiado dizer-se: a tupinologia antes de Plínio Ayrosa e depois de Plínio Ayrosa. Antes, o descaso, a ignorância, a confusão; depois, o devotamento, a ilustração, a clareza interpretativa. Que assim continúi, por muitos anos ainda, a conduzir a grei amarrada é o que, do fundo dalma, desejam os confrades do Centro Cultural "Euclides da Cunha".